

Ânforas romanas no concelho de Fronteira. Exemplares recolhidos entre 1999 e 2002¹

Vera Alves* & André Carneiro**

Comentários prévios

Embora hoje esteja claramente em desuso a apresentação de elementos desprovidos de qualquer contexto (como é o caso de grande percentagem dos fragmentos aqui apresentados), parece-nos ainda assim que o estudo dos elementos materiais, apesar dos excessos empiristas e das leituras abusivas que poderão despoletar, permanece uma solução adequada para tratar analiticamente os dados recolhidos. Relembre-se que em última análise estão comportamentos humanos, e não modelos teóricos, e o mundo material permite a lançar esta dimensão.

Em estudo estão os fragmentos de ânforas recolhidas em trabalhos arqueológicos realizados no concelho de Fronteira. Os exemplares considerados – todos os fragmentos passíveis de serem tipologicamente reconhecidos que foram recolhidos entre 2000 e 2003 – apresentam desequilíbrios quanto ao seu contexto de recolha. Uma grande parte provém de uma escavação metodologicamente rigorosa e com referência concreta ao seu lugar e circunstâncias de achado, mesmo que muitos deles provenham do nível superficial. Os restantes foram recolhidos em prospecções realizadas no mesmo ou em outros sítios, com todas as condicionantes que em outros lugares já foram amplamente debatidas².

A opção pelo *objecto ânfora* deve-se sobretudo às peculiares características deste tipo de produção cerâmica, na medida em que nos ajuda a conhecer zonas de produção, o conteúdo transportado e as possibilidades económicas nos locais de distribuição e recepção. Além do mais, possuem uma dupla virtude: permitem entrever sucessões cronológicas e também transpor o patamar interpretativo para o sempre difuso nível dos gostos e preferências pessoais associados a comportamentos, correntes de abastecimento e capacidade económica. Permitem aceder directa e indirectamente à reconstituição dos contextos, no fundo, o objectivo último da actividade arqueológica.

A divulgação deste espólio pretende contrariar uma tendência regional (raras são as publicações de trabalhos arqueológicos realizadas nesta área³) e também, ainda que de forma muito

* Arqueóloga.

** Arqueólogo da Câmara Municipal de Fronteira

¹ Para a identificação dos fragmentos apresentados, temos a agradecer o contributo de alguns investigadores que nos auxiliaram na identificação dos casos mais complexos: Guilherme Cardoso, António Carvalho e Carlos Fabião.

² Carneiro, 2004. De resto, estas apresentações de colecções de materiais mais específicas já foram pontualmente realizadas (ver, por exemplo, Carneiro e Sepúlveda neste volume) sempre com o pressuposto de conferir o devido *peso relativo* a estes conjuntos para o entendimento da presença humana antiga nestes sítios (sempre o nosso último objecto de pesquisa), mas não deixando de dar a conhecer algumas das problemáticas mais relevantes que os mesmos apresentam.

³ Referimo-nos a “trabalhos arqueológicos” no sentido lato. É impressionante a escassez de informações publicadas para esta área regional (Carneiro, 2002a: 17 a 20; Carneiro, *no prelo*). Nos aspectos da cultura material, é muito sentida a ausência de quadros de referência que enquadrem os conjuntos exumados, embora para o caso específico das ânforas se destaque o positivo contributo da publicação preliminar dos exemplares

preliminar, ajudar a desenhar leituras interpretativas para a ocupação desta área no período imperial, não excluindo uma futura publicação integral e mais desenvolvida destes e de outros materiais integrados nos seus contextos de proveniência. De qualquer forma, temos sempre presente as limitações deste tipo de análises e a precariedade das propostas que serão produzidas.

1. Critérios de análise dos fragmentos em estudo

Os fragmentos aqui apresentados referem-se a tipos anfóricos cuja atribuição tipológica é determinável: bordos, fundos e também asas que, como é sabido, são relevantes indicadores morfológicos e cronológicos para esta classe de materiais. No entanto, no caso das asas, os exemplares recolhidos foram incluídos no catálogo e na contabilização geral, embora o seu valor deva ser relativizado por se considerar que se trata de um tipo de informação mais significativo apenas para áreas vastas e diversificadas e não permita a contabilização do número mínimo de indivíduos.

Em relação ao espólio estudado efectuou-se apenas a análise dos materiais baseada na atribuição morfológica e no exame macroscópico das pastas, visto que as caracterizações químicas já solicitadas nunca não se realizaram. Ora, considerando-se as novidades ultimamente introduzidas na geografia de produção destes contentores⁴, não nos parece totalmente correcto atribuir empiricamente os fragmentos recolhidos a centros de produção, mas tal também não nos deverá eximir de o tentar⁵. Portanto as propostas aqui indicadas não passam disso mesmo: simples hipóteses resultantes de uma análise dos resultados em fase muito preliminar.

Apesar da generalizada aceitação das propostas mais recentes de classificação tipológica⁶, optámos aqui por considerar as ordenações mais tradicionais, não só por estas já se encontrarem consensualmente estabelecidas, mas também pelas dificuldades de afinação terminológica que ainda se verificam.

Na análise das pastas foram tidas em conta a cor da argila e da superfície externa da peça, bem como a textura e a presença de elementos não plásticos. Na descrição das cores das pastas, foi utilizada a *tabela de Munsell Soil Color Charts*, em que é feita a referência ao respectivo número relacionado com a cor.

2. Sítios de proveniência dos elementos anfóricos

O conjunto de sítios arqueológicos do concelho de Fronteira onde foram recolhidos fragmentos de ânfora é numericamente reduzido⁷, especialmente se tivermos em consideração que são recolhidos sistematicamente todos os fragmentos encontrados em escavação e prospecção.

Temos portanto 4 sítios classificados como *villae* e 2 integrados na categoria *casal*. Este dado é relevante, pois significa que se encontraram ânforas em 57,1 % das *villae* (4 em 7 das *villae*

da *villa* da Quinta das Longas, Elvas: Carvalho e Almeida, 1998; 1999-2000. Para âmbito mais alargado ver, dos mesmos autores, 2004.

⁴ Remetemos sobretudo para Fabião, 1996b, onde são devidamente considerados alguns casos particulares.

⁵ Partilhando assim inteiramente da postura de Almeida e Carvalho, 1998: 141.

⁶ Em especial Peacock e Williams, 1986 que desencadearam uma profunda revisão dos critérios e conceitos de classificação anfórica.

⁷ Além dos sítios que seguidamente se enumeram, foram recolhidos fragmentos de bojos de possíveis ânforas em outros sítios. Nestes últimos sublinhamos que a sua inclusão na classe ânfora é provável mas não é definitiva, dado que em todos os casos se trata de fragmentos de bojos indiferenciados com pequenas dimensões. Apresentam semelhanças, ao nível das pastas, com os fabricos de ânforas conhecidos, mas esta similitude deve ser avaliada com grande precaução, não apenas porque se trata de fragmentos indistintos, mas também porque em alguns casos provêm de sítios com larga diacronia de ocupação, quer para momentos pré-romanos, quer para o período medieval. Os sítios são Outeiro de São Miguel e Herdade da Palhinha; a base de dados *Endovéllico* menciona a recolha de ânforas em Castelo do Mau Vizinho (sem mais indicações, informação não confirmada). Para os dados específicos de cada sítio, Carneiro, 2004: cap. 3 e 4 e fichas de sítio respectivas.

apresentam ânforas⁸) e apenas estão presentes em 14,2 % dos casais⁹ (ou seja, 2 em 14 sítios do concelho), dado revelador da capacidade económica e hábitos de consumo que separa as duas categorias. Embora já de há muito seja conhecida a presença de ânforas em casais¹⁰, é interessante verificar que as presenças no concelho de Fronteira demonstram a diferença de patamar qualitativo entre os sítios das duas classes.

Todos os sítios aqui incluídos já foram alvo de divulgação pública¹¹, pelo que se relembram apenas os dados mais significativos.

A **Horta da Torre** está situada na freguesia de Cabeço de Vide e será o melhor exemplo de grande *villa* monumental que ainda existe no concelho. Embora muito destruída por sucessivas depredações, ainda são bem visíveis no terreno três grandes estruturas arquitectónicas que marcariam três espaços funcionais distintos e que hoje são pálidos testemunhos da volumetria e imponência arquitectónica que originalmente aqui existiria. Todavia, todos os fragmentos de ânforas aqui apresentados foram recolhidos a Sul, na “horta” junto ao curso de água, onde se encontram numerosos elementos que denunciam a clara inserção deste local nas correntes comerciais e culturais então vigentes mas onde não se encontram elementos estruturais.

A *villa* de **Monte de São Francisco**, situada na freguesia de São Saturnino, apresenta igualmente uma história recente preenchida com recolhas furtivas e destruição de estruturas. Este facto ajuda a explicar a grande profusão de vestígios visíveis à superfície, mas é também consequência de uma qualidade e intensidade da presença humana antiga no local. Por exemplo, o leque de cerâmicas de importação é muito amplo e variado, não só por ocupar uma ampla cronologia, mas também (e à semelhança do sítio anterior), por inserir São Francisco numa ampla rota de circulação de gentes e produtos.

A *villa* de **Monte de São Saturnino** encontra-se a Norte do sítio anterior, na freguesia epónima. Já de há muito referenciada na bibliografia nacional¹², ainda hoje é visível um tapete de mosaicos aflorando sob a casa existente no local. No entanto, as evidências materiais são relativamente escassas e, pelo menos até ao momento, não foram recolhidos elementos cerâmicos muito representativos. Por estes motivos é mais difícil interpretar as características da *villa* que aqui existiu, embora a sua inserção topográfica corresponda aos modelos típicos das grandes *villae* regionais.

O sítio da **Talha de Baixo**, localizado na freguesia de Fronteira, foi alvo de uma pequena sondagem de emergência que não permitiu esclarecer a sua funcionalidade, embora tenha permitido recuperar alguns dados importantes. De acordo com os padrões da cultura material, estaríamos perante uma *villa*, mas não há notícia de elementos arquitectónicos nem foram identificados elementos estruturais que permitam inserir o sítio nessa categoria. Talvez a chave da resposta esteja na curta ocupação no tempo, pois parece tratar-se de um sítio com um arco cronológico muito curto e coerente com o espaço da necrópole então identificada. Poderá assim

⁸ Havendo ainda a possibilidade verificada na Herdade da Palhinha (ver nota anterior). As *villae* que não apresentam ânforas são Almo e Santo Cristo, dois sítios onde as evidências de superfície são escassas e em que a sua inclusão na classe *villa* é mais controversa.

⁹ Deve ser sublinhado que tanto Bispas como Talha de Baixo 1 são casais que se destacam dos restantes sítios integrados nesta categoria. O primeiro apresenta elementos pétreos de construção, e a sua relação com a necrópole de Pocilgais está definitivamente esclarecida (Carneiro, *no prelo*); quanto a Talha de Baixo 1, as suas características têm levado a uma certa indefinição na sua atribuição tipológica, pois já foi classificada como *villa*, embora pareça ser mais adequado um termo intermédio, que poderá ser o de *granja*. Em resumo, estão presentes nos sítios classificáveis como “casais de primeira ordem”, digamos assim. Ver Carneiro 2004 e 2005.

¹⁰ O esclarecedor caso de Cural dos Cães (Montemor-o-Novo), restando saber, claro, se aquele sítio com tão relevante cultura material seria mesmo um casal. Ver Paço e Lemos, 1962.

¹¹ Para São Pedro: Carneiro, 2002a: cap. 5.2. e ficha nº 53; Carneiro, 2002b; Carneiro e Sepúlveda, 2004; Monte de São Francisco, Carneiro, 2002a: 50-52 e ficha nº 37; Carneiro e Sepúlveda, 2004; Monte de São Saturnino, Carneiro, 2002a: 53-54 e ficha nº 38; Horta da Torre, Carneiro, 1999-2000; Carneiro, 2002a: 49-50 e ficha nº 26; Carneiro e Sepúlveda, 2004; Talha de Baixo 1, Carneiro, 2002a: cap. 5.2. e ficha nº 55; e Bispas, Carneiro, 2002a: 58 e ficha nº 7; Carneiro, *no prelo*. Finalmente, todos eles encontram-se referidos em Carneiro, 2005.

¹² Vasconcelos (1927-1929) e Chaves (1934).

tratar-se de uma pequena *villa* dos finais do século I d.C., ainda sem monumentalidade arquitectónica, ou de uma granja/casal evoluído.

As mesmas considerações podem ser aplicadas ao sítio de **Bispas**, situado na freguesia de Cabeço de Vide. Trata-se do único sítio constante deste elenco que não é regularmente alvo de trabalhos agrícolas, pelo que as observações de superfície são poucas e dificultadas pela vegetação espontânea existente no local. Pelos dados existentes, os paralelos com Talha de Baixo são vários: curta ocupação no tempo e no espaço, ausência de elementos arquitectónicos significativos, necrópole contígua que apresenta evidentes similitudes com o espaço de vida.

Entre o conjunto de sítios aqui apresentados, provêm do **Monte de São Pedro** os fragmentos enquadrados estratigraficamente, fruto de um projecto de investigação em curso desde 2000 nesta extensa *villa* romana onde posteriormente foi construída uma igreja medieval.

Embora severamente destruído por factores naturais (implantação topográfica sujeita à erosão e arrastamentos) e humanos (prática agrícola, plantação de olival, escavações clandestinas), o conjunto de trabalhos aqui desenvolvidos permitiu delinear uma extensa sequência de ocupações e remodelações do espaço ao longo de toda a época romana, alto-medieval e, talvez, islâmica¹³.

Todos os fragmentos anfóricos provêm do principal sector de escavação, onde se encontra em curso de intervenção um conjunto de compartimentos que tem sido interpretado como pertencente à *pars rustica* da possível *villa* aqui situada.

3. Levantamento quantitativo das peças em estudo

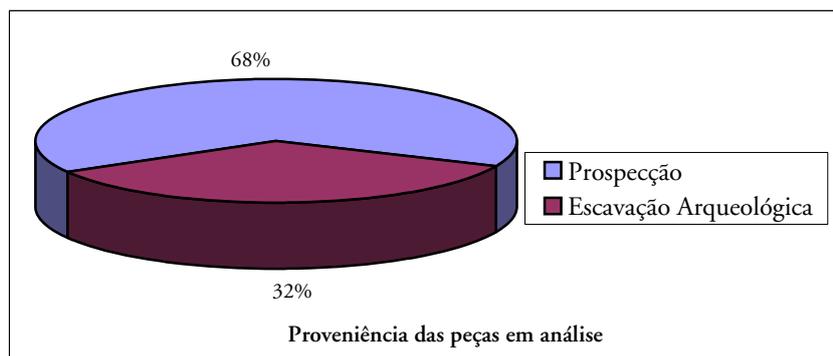
O conjunto em estudo é constituído por 77 peças, seleccionadas de um total de 125, atendendo ao facto de os restantes materiais não permitirem uma análise mais apurada, quer por se tratarem de bojos simples, sem grafitos ou marcas de oleiro, quer por se apresentarem como fragmentos deteriorados e/ou de dimensões diminutas, sem possibilidades de determinar a atribuição tipológica ou características de fabrico.

QUADRO TOTAL DE UNIDADES EXUMADAS ¹⁴							
	BSP	HDT	MSF	SPD	SST	TBX	Total
Bordo ou Bordo/Asa		14	8	10	1		33
Asa	1	8	12	13	1	2	37 ¹⁵
Fundo		1	2	5			8
Total	1	23	22	28	2	2	77

¹³ Ver comunicação nestas mesmas Jornadas.

¹⁴ São utilizadas as seguintes abreviaturas que designam os sítios arqueológicos de proveniência das peças: BSP – Bispas; HDT – Horta da Torre; MSF – Monte de São Francisco; SPD – São Pedro; SST – Saturnino; TBX – Talha de Baixo.

¹⁵ Foi descoberto mais um bojo com arranque de asa de São Pedro, UE17 (ext. 5/01) com o número SPD17 [74] e [75], mas dadas as dificuldades de inserção tipológica que o mesmo apresenta, não foi aqui considerado para a contabilização final.



Dos quadros apresentados duas conclusões podem ser desde já adiantadas: desde logo se torna evidente o elevado grau de fragmentação das peças em estudo que, embora permitam uma atribuição tipológica (apesar de existir um contingente com interrogações), não deixam perceber características mais detalhadas de fabrico que, tratando-se de ânforas, assumem grande relevância e seriam importantes para complementar a leitura.

Também se torna claro o escasso número de fragmentos recolhidos em contexto de escavação. Repare-se que após quatro campanhas de escavação, São Pedro contribui com 27 fragmentos, apenas mais 4 que Horta da Torre e 5 que Monte de São Francisco. Acresce que destes 27 fragmentos apenas 13 apresentam contexto estratigráfico preciso, visto que 3 foram recolhidos em prospecções realizadas no local e 11 são provenientes de escavação, mas no nível superficial UE1. Finalmente, nas intervenções já realizadas em outros sítios¹⁶ não foram recolhidos fragmentos anfóricos.

4. Monte de São Pedro: contextos estratigráficos de proveniência

Tendo sido recolhidos 24 fragmentos anfóricos em contexto de escavação, e estando a área intervencionada com um total de 348m² de superfície aberta no final da campanha de 2002, podemos assim estabelecer uma relação de densidade de um fragmento por cada 14,5 m².

Foram recolhidas ânforas nas seguintes Unidades:

UE	Nº Fr ¹⁷	Descrição da Unidade	Outros materiais ¹⁸	Cron.
1	11	Universal (a Sul sobre o afloramento)	Cerâmicas diversas	I/Actual
2	1	Sobre muro UE3	md	Séc. IV
13	1	Muro da fase 2 (Compartimento 2)	Nada a salientar	Séc. III
17	1	Sobre pavimento exterior	Tsh; tsht; tsc; dl	II/VI
18	2	Sobre afloramento (E do tanque)	Tsg; tsh; tsht; tsc; dl; luc; md	II/VI
22	1	Sobre afloramento (W do tanque)	Cpf; tsh; tsc; md	II/VI
35	1	Sobre pavimento terra batida – Comp. 3	Tsg; tsh; tsc; luc	I/V
40	2	Enchimento do tanque UE39	Tsh; tsc	IV
53	1	Pavimento do Comp. 1	Tsh; tsc; md	III/VI
58	2	Enchimento (solo?) do Comp. 2	DI	III/VI
59	1	Muro da fase 2 (Comp. 2)	Nada a salientar	Séc. III
TOTAL	24			

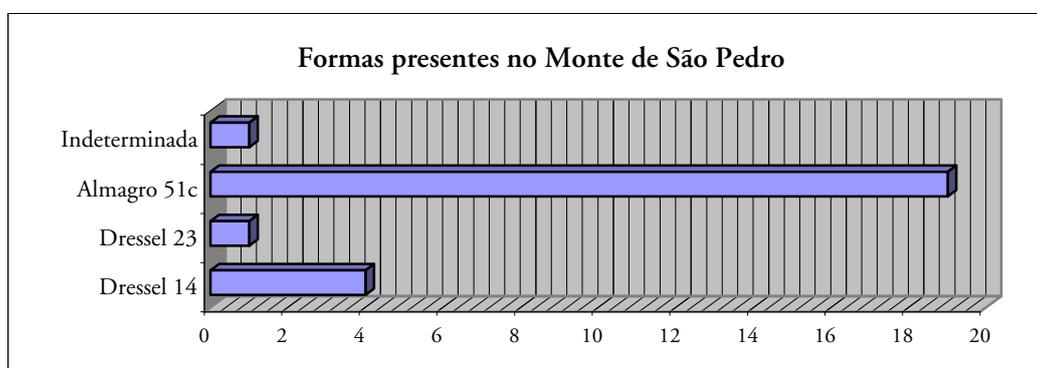
¹⁶ Vences, 2000, Talha de Baixo, 2001, e Horta da Torre, com sondagem realizada já em 2003 e aqui referida a título de indicação.

¹⁷ Nº Fr.: número de fragmentos. Ao total acrescem três recolhidos em prospecção.

¹⁸ Tsh: terra sigillata hispânica; tsht: terra sigillata hispânica tardia; tsc: terra sigillata clara norte-africana; dl: *dolium*; tsg: terra sigillata galo-romana; luc: lucernas; cpf: cerâmica de paredes finas. De notar que todas as moedas aqui consideradas consistem em numerário de pequenas dimensões e baixo valor de tipos correntes a partir de meados do século III.

Ao contrário de muitas outras colecções de materiais arqueológicos exumados no sítio de São Pedro¹⁹, verifica-se que uma substancial maioria das ânforas é recolhida na UE1 ou em unidades situadas em zonas exteriores a compartimentos. Se tomarmos em conta dois fragmentos reutilizados em aparelhos de construção de muros²⁰ e dois no enchimento de abandono do tanque UE40, verificamos que apenas quatro fragmentos foram encontrados no interior de compartimentos, logo, em áreas funcionais precisas²¹. Este aspecto contrasta fortemente com o verificado, por exemplo, com outras cerâmicas de importação, recolhidas maioritariamente sobre pavimentos no interior de espaços arquitectonicamente delimitados, o que denuncia os padrões de uso que já seriam esperados. Já em relação às ânforas, este facto leva-nos a supor uma arrumação dos contentores na parte exterior das paredes, onde muitos dos fragmentos foram encontrados²².

Verificamos ainda que a cronologia que tem sido atribuída às Unidades concorda em absoluto com as características das ânforas que tem vindo a ser exumadas no sítio, como se pode analisar graficamente na representação morfo-tipológica:



Trata-se de um conjunto homogéneo, coerente com os escassos exemplos conhecidos para a região²³, onde temos o domínio esmagador das produções lusitanas do século III que transportariam os preparados de peixe tão apreciados nestes contextos. Esta preferência já vem de momentos anteriores, dada a presença de tipos Dressel 14 (infelizmente apenas um fragmento com contexto estratigráfico preciso, na UE18).

A única forma que escapa ao quadro dominante é precisamente a Dressel 23, associada ao transporte de azeite proveniente da Bética e aqui encontrada no aparelho da UE53, o que nos auxilia na atribuição de uma datação para esta estrutura de meados/finais do século III d.C.

¹⁹ Carneiro, 2002a: cap. 6; Carneiro e Sepúlveda, 2004.

²⁰ De resto são numerosos os fragmentos de bojo de ânfora triturados e inseridos nos pavimentos em cerâmica moída característicos deste arqueo-sítio, o que demonstra uma generalizada fragmentação e reaproveitamento destes materiais como alvenaria de construção.

²¹ Há ainda a considerar dois bojós recolhidos na UE51, no interior do Compartimento 4, mas cuja atribuição tipológica não pôde ser estabelecida.

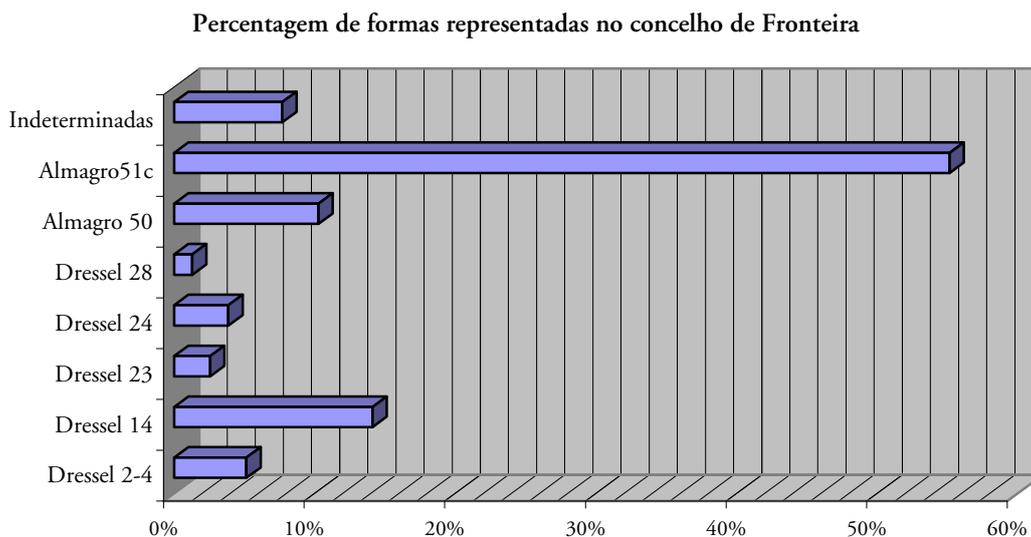
²² Não deixa de ser interessante notar que a mesma situação é recensada para o caso dos *dolia*, grandes contentores que poderiam servir para armazenar produtos localmente produzidos como vinho ou azeite, que as ânforas também transportariam. Efectivamente, em São Pedro, é precisamente nas Unidades exteriores que mais fragmentos de *dolium* encontramos: UE18; UE22; e, em especial o caso da UE17, onde foram recolhidos em estreita associação contextual um grande conjunto de fragmentos de *dolium* e o fundo/bojo fragmentado de ânfora UE17[15]. Uma explicação mais prosaica reside na possibilidade de estes fragmentos em contexto exterior resultarem da limpeza e despejo dos compartimentos.

²³ Almeida e Carvalho, 1998; 1999.

5. As formas representadas

Previamente deve referir-se que, pelas suas reduzidas dimensões, nem todos os fragmentos a seguir apresentados foram inequivocamente atribuídos a um protótipo formal. Em alguns casos dúvidas subsistem, e em especial nos casos dos fabricos béticos. Portanto, as análises que seguidamente serão tecidas devem ser encaradas com precaução, existindo certamente correcções pontuais, embora não nos pareça que se altere significativamente o todo das leituras²⁴.

Dentro do conjunto dos 78 fragmentos estudados, foram identificadas 7 formas:



Dressel 2-4 (=Classe 10)

Foi na Península Itálica que principiou a produção destes contentores que imitavam os modelos itálicos para o transporte de vinho (Lloris, 1990: 220), podendo também ser de fabricos da Tarraconense, da Bética ou da Gália (Morais, 1998: 41). Trata-se de uma ânfora destinada sobretudo a conteúdos vinícolas, informação comprovada pelos *tituli picti* que fazem referências aos vinhos da Campânia (Itália), da Gália e também ao vinho hispânico (Alarcão, 1976). Contudo pode ter também transportado outros produtos como salga de peixe, azeite ou mesmo fruta (Morais, 1998). Sendo um modelo que apresenta influências dos protótipos gregos (Lloris, 1970: 360), é definida como tendo um corpo cilíndrico, asas bífidas, bordo curto com lábio geralmente de secção circular ou amendoado, e fundo cilíndrico, normalmente preenchido (Morais, 1998: 40).

Dressel 14/Beltrán IV (=Classe 20/21)

Com uma abundante produção no Alto Império, este tipo de ânfora, embora tenha sido considerada uma imitação da ânfora Dressel 14 da Bética, parece resultar das influências de formas como a Dressel 7-11 e Haltern 70 (Mayet, Schmitt, Silva, 1996: 199), sendo assim uma criação lusitana, denominada de Dressel 14b, por alguns autores como F. Mayet e R. Étienne

²⁴ Mais se podendo lamentar o facto de não dispormos de análises químicas às pastas. O caso mais exemplar reside no bordo MSF/01RS/1[173], o primeiro do conjunto, onde a análise da pasta, e de alguns pormenores formais, leva a crer na hipótese de se tratar de um fabrico proveniente da Gália e não de uma ânfora Dressel 2-4; a dúvida permanece, mas optámos pela proposta mais conservadora. Para os casos individuais, ver catálogo final.

(1993-1994: 204), distinguindo-a da Dressel 14a da Bética. Apresenta um corpo cilíndrico, bordo com lábio saliente, que pode ser liso ou perolado, ou ainda de secção triangular, e o fundo é geralmente troncocónico e oco (Cardoso, 1986: 158). As asas possuem secção ovóide, sendo largas, e em muitos casos apresentam uma canelura longitudinal exterior. A pasta, podendo ter tons mais escuros, apresenta-se geralmente nos tons laranja, com textura folheada (Mayet e Schmitt, 1997: 77). A sua produção em território lusitano está ligada ao desenvolvimento das actividades de salga de peixe, iniciando-se em meados do século I d.C. Podemos assinalar o seu fabrico no Algarve, em locais como o centro produtor de S. Bartolomeu de Castro de Marim (Vasconcellos, 1898) ou em Quinta do Lago (Arruda e Fabião, 1990), embora tendo uma produção mais acentuada nos vales do Tejo e Sado. Quanto ao conteúdo transportado nestas ânforas, surgem em primeiro plano os preparados piscícolas, facto atestado pelos *tituli picti* em alguns destes contentores, fazendo referência a conteúdos como *liquamen* e *muria*, e ainda pelos restos de peixe encontrados em ânforas recolhidas em naufrágios (Lloris, 1970: 421). Tendo uma circulação que se inicia em meados do século I d.C. até ao século II, conheceu um período próspero, tornando-se mais abundante que a produção bética (Étienne e Mayet, 1993-1994: 204).

Dressel 23/Keay XIII A (=Classe 26)

Não são muito numerosos os exemplares conhecidos (Keay, 1984: 140). Trata-se de uma versão de menores dimensões da forma Dressel 20. Deste modo apresenta normalmente um corpo ovóide, colo baixo, bordo espessado, e asas de secção circular que arrancam debaixo do bordo ou dos ombros (Vallverdú, 2000: 176). A sua produção está atestada na Bética, nos centros produtores do vale de Guadalquivir e Genil e apresenta uma pasta homogénea, com aspecto depurado, podendo apresentar engobe de tom bege amarelado (Vallverdú, 2000: 180). Por estar associada à forma oleícola Dressel 20, terá transportado o azeite bético, tendo surgido *tituli picti* que podem sugerir o transporte das próprias azeitonas. Quanto à sua cronologia, a sua produção inicia-se em meados ou finais do século III d.C (Vallverdú, 2000: 180), com presença em contextos do século V d.C.

Dressel 24 (=Classe 15)

Trata-se de um modelo que apresenta grandes afinidades com a forma Dressel 14, no entanto de menores dimensões que esta (Cardoso, 1986: 160), ou então uma “unusually small variant” da Haltern 70²⁵. Neste caso apresentaria um corpo ovóide, ligeiramente distinto do corpo cilíndrico do protótipo maior. As dúvidas sobre o seu local de produção são várias, mas confirmando-se a sua origem formal itálica, influenciariam as produções béticas. Transportaria muito provavelmente conteúdos piscícolas, com cronologia incerta, devendo situar-se na viragem da Era (Fabião, 1989).

Dressel 28 (=Classe 31)

Sendo “um dos mais mal estudados recipientes para transportes de vinho de entre os produzidos em época romana” (Fabião, 1998: 179), poderá ter origens no período republicano (Lloris, 1970: 497). Trata-se de um contentor que não atingia grandes dimensões, com um lábio recto e face externa côncava. Apresenta um colo curto e cilíndrico, com corpo ovóide e fundo plano, podendo as asas possuir caneluras longitudinais (Morais, 1998: 52). Estamos perante uma forma que teve a sua produção na Tarraconense, na Bética e na Gália e, quanto ao seu conteúdo, deveria transportar vinho. (Alarcão, 1976: 87). Quanto à diacronia, tem sido apontada uma datação situada entre a segunda metade do século I a.C. e meados do século seguinte, ou outra que a situa no final do século I d.C. (Cardoso, 1986: 161).

²⁵ A partir de Peacock & Williams, 1986, que a classificaram como Classe 15A. Ver comentários sobre esta problemática em Fabião, 1989.

Almagro 50 (=Classe 22)

Trata-se de um modelo que apresenta corpo cilíndrico, com colo curto e estreito, tendo um bordo que pode apresentar diferentes tipos de lábio, espessado de secção arredondada ou triangular, com asas que partem do bordo, de secção circular ou oval, e o fundo é normalmente troncocónico e oco (Morais, 1998: 65). A pasta pode apresentar-se idêntica à da forma Dressel 14, ou de cor ocre claro, de textura fina (Mayet, Schmitt, 1997: 79). A sua produção está atestada nas olarias do vale do Tejo e do Sado, na costa algarvia, e também no ocidente da Bética, na baía de Cádiz (Mayet, Schmitt, Silva, 1996: 200). Este tipo de contentor transportaria produtos piscícolas (Cardoso, 1978: 71), como observado em exemplares recolhidos em naufrágios que ainda continham restos de peixe (Morais, 1998: 65). Trata-se de uma forma com uma cronologia que se situa entre 210/220 até fins do século IV d.C., com ampla difusão na Lusitânia.

Almagro 51c (= Classe 23)

É um tipo de ânfora de menores dimensões (não superior a 75cm), com perfil piriforme. O bordo pode apresentar vários tipos de lábio, como perolado, espessado, amendoado, de secção subrectangular e também triangular (Morais, 1998: 63). As asas arrancam abaixo do bordo, ou do lábio, e possuem secção ovóide, podendo exibir uma canelura longitudinal exterior. O fundo pode ser cilíndrico, oco ou preenchido, terminando em botão ou base plana. A sua pasta é de cor laranja, com abundância de elementos não plásticos. É considerada a forma que substituiu a Dressel 14, sendo apontada como a produção de extensão maior no Baixo-Império (Mayet, Silva, 1998: 120). Além dos conhecidos centros produtores da Lusitânia (vales do Tejo e Sado e costa algarvia), existem também indícios do seu fabrico em Cádiz, nos fornos de Puente Melchior e Puerto Real (Mayet, Schmitt, Silva, 1996: 200). Trata-se de um contentor de preparados piscícolas, como verificado em S. Cucufate (Mayet, Schmitt, 1997: 82), tendo uma produção que vai dos finais do século II/ inícios do III, até a meados do século V, e que teve larga difusão em toda a Península Ibérica, mas também na Península Itálica e inúmeros naufrágios no Mediterrâneo (Étienne, Mayet, 1993-1994: 212).

NÚMERO DE UNIDADES E PERCENTAGEM POR TIPOLOGIA					
	BORDOS	ASAS	FUNDOS	TOTAL	%
Dressel 2-4	1	3		4	5,13 %
Dressel 14	2	6	3	11	14,10 %
Dressel 23	2			2	2,56 %
Dressel 24	3			3	3,85 %
Dressel 28	1			1	1,28 %
Almagro 50	1	7		8	10,26 %
Almagro 51c	20	19	4	43	55,13 %
Indeterminadas	3	2	1	6	7,69 %
Total	33	37	8	78	100,0 %

Leituras possíveis para o conjunto

Antes de mais, consideremos alguns factores que distorcem as hipóteses de leitura.

A primeira situação tem a ver com o facto de o produto cerâmico *ânfora* funcionar, não enquanto objecto por si mesmo, mas como um contentor de algo, ou seja, a ânfora podia ser

fabricada num determinado lugar e só em outro, eventualmente muito distante, receber o seu conteúdo²⁶, como por vezes a investigação parece esquecer, o que representa um muito relevante factor de distorção da análise.

Segundo, o achado de uma ânfora não significa que o produto por ela contido fosse inexistente na área regional de consumo (Fabião, 1993-1994: 239). Em estudo está uma época onde a economia de mercado e os fluxos comerciais estavam de tal forma desenvolvidos que as componentes *preferência pessoal* e *capacidade aquisitiva* teriam predomínio sobre a mera necessidade de auto-subsistência. A preferência pelo azeite da Bética poderia dever-se ao facto simples de ser este o que mais agradava ao paladar de determinado consumidor, ou de este decidir ocasionalmente oferecer um produto raro aos seus convivas, independentemente de outros estarem disponíveis no mesmo ponto de venda ou serem igualmente produzidos no local de consumo.

Finalmente, temos de tomar em consideração que analisamos sítios rurais, necessariamente dependentes de mercados centrais de abastecimento. Ou seja, e não invalidando o ponto anterior, há que sublinhar que os padrões de mercado se orientavam, não em função dos pontos rurais de aquisição/consumo, mas antes dos centros urbanos, onde seriam colocados à venda nos mercados ou onde se faria a redistribuição dos produtos. Afinal, “não se afigura plausível que todo este tráfego se destinasse primordialmente aos estabelecimentos de tipo *villa*, por mais «urbano» que seja o padrão do consumo e circulação [...], mas sim aos principais centros urbanos [...]” (Fabião, 1993-1994: 238). Eram estes que funcionavam como redistribuidor do produto, e não a *villa* como ponto de chegada primordial (Carvalho e Almeida, 1998: 148). No entanto, há uma relevante relação entre a presença de ânforas nos sítios que estão mais próximos das vias, indicando que, por múltiplas razões, são estes que são com maior facilidade abastecidos. Neste campo a geografia da distribuição é esclarecedora²⁷. Assim, os sítios aqui apresentados beneficiariam da proximidade do centro urbano de *Abelterium* e da passagem da via que abasteceria *Emerita Augusta*. Ou seja, independentemente que os factores de atracção comercial que uma via por si só poderia constituir, os mercados de abastecimento eram sempre os aglomerados urbanos. A localização das ânforas em *villae* de Fronteira, mais do que ser relevante em si mesma, é relevante em função da relação *villa*/aglomerado urbano mas, em segundo grau, da relação *villa*/via, ou seja, a presença de fragmentos anfóricos hoje encontrados é também determinada pela facilidade de abastecimento do local dada a sua proximidade à via (e olhando para o quadro de presenças verifica-se isso: as *villae* mais periféricas não estão representadas²⁸).

Um dos dados mais interessantes reside na coincidência na presença de ânforas nos sítios de mais rica cultura material do concelho.

Partindo da suposição de que haveria *villae* com diferentes valências e que materialmente expressariam diferentes arquétipos vivenciais (do modelo da *villa urbs rústica* de luxo e requinte a outras onde se entrevê uma mais marcada rusticidade que indica que poderiam estar afectas a uma produção agro-pecuária gerida directamente pelo proprietário), parece lógico supor que cada *possessor* faria investimentos diferenciados consoante o objectivo de realização que pretendia para o seu sítio (como parece ser possível avaliar a partir dos sítios *que têm* ânforas e dos sítios *que não têm* ânforas). Como já em outros lugares se debateu²⁹, existe uma variabilidade no registo que indica que existiam *villae* com diferentes finalidades e com uma cultura material e expressão arquitectónica diferenciada. É relevante que existam mais ânforas em *villae* onde também existem mais exemplares e de maior diversidade de outros tipos cerâmicos de impor-

²⁶ «Insinua, por outro lado, a dúvida sobre que componente valorizar na interpretação económica dos dados arqueológicos que indiciam intercâmbios a distância e torna, seguramente, incorrecta a valorização geográfica da origem do contentor» (Fabião, 1996b: 67; ver também Fabião, 1993-1994).

²⁷ Não esquecendo que algumas formas de grande volumetria da classe que por comodidade se designa de “cerâmica comum” poderiam ser destinadas às mesmas finalidades. Aliás, convém não esquecer que por muitos anos o *produto ânfora* foi arrumado na “cerâmica comum”...

²⁸ Situação devidamente explicitada em São Cucufate, onde o perfil de aquisições reflectido na cultura material do local (em sentido lato, não apenas no mundo anfórico) não se encontrava representado em outros sítios da envolvente, indicando preferências e capacidades aquisitivas diferenciadas. Ver Mayet e Schmitt, 1997.

²⁹ Carneiro, 2002a.

tação, indicando *villae* que claramente procuravam cumprir o paradigma cultural pretendido, estando outras mais dedicadas a funções eventualmente relacionadas com a exploração agro-pecuária ou produções específicas. Estamos perante uma paisagem sectorizada e particularizada onde, independentemente de arquétipos que eram comuns (Gorges, 1979), se percebem dinâmicas intrínsecas imprimidas pelas preferências pessoais de um ou mais proprietários. O mesmo se pode aplicar, *mutatis mutandis*, aos casais.

Neste contexto, é sintomático que o número de exemplares de ânfora por sítio apresente uma densidade completamente diferente tratando-se de *villae* ou casais. No primeiro caso, temos valores da ordem das dezenas (à excepção de São Saturnino, onde de resto as evidências artefactuais não são muito numerosas) e no caso dos casais, a situação parece ser da ordem de poucas unidades por sítio. Teríamos nas *villae* padrões de consumo intensivos prolongados no tempo, enquanto nos casais poderemos presumir um consumo esporádico, por excepção e temporalmente localizado. Aliás, verifica-se que mesmo nas *villae* há diferenças: em Horta da Torre sete tipologias estão representadas; Monte de São Francisco apresenta cinco; e São Pedro apenas três.

Do conjunto analisado, destaca-se a predominância da ânfora da forma Almagro 51c, que representa 55,13 % do total. Trata-se de uma situação já verificada em outros locais da região alentejana, como a Quinta das Longas, Elvas (Almeida, Carvalho, 1998: 148), e São Cucufate, Vidigueira (Mayet, Schmitt, 1997: 72). Não deixa de ser relevante que os exemplares de Fronteira reforcem esta tendência.

Apesar das lacunas do registo (sobretudo estratigráfico), este facto pode ser relacionado com uma presumida situação de florescimento económico verificado a partir de meados do século III, como de resto parece ser visível noutros domínios: as correntes de abastecimento de terra sigillata hispânica tardia e terra sigillata clara norte-africana (Carneiro e Sepúlveda, 2004) e um momento de reconstrução das vias claramente expressa nos marcos miliários encontrados (Carneiro, 2002b: 141-142; Almeida e Carvalho, 2004). Podemos assim presumir que neste período existe uma intensificação dos fluxos comerciais entre litoral e interior, nomeadamente com a preocupação de abastecer a capital, *Emerita Augusta* (Calderón Fraile, 2002), ou pelo menos, com a intensificação das redes de troca a nível regional.

Apesar desta verdadeira explosão das trocas comerciais e das exigências de consumo que se verificam neste momento, não deixemos de olhar para a presença de tipos anfóricos mais antigos: em especial, a Dressel 2-4³⁰, sintomaticamente ausente em São Pedro, mas encontrada em sítios onde a antiguidade da ocupação já estava determinada para os inícios da primeira centúria d.C.: Horta da Torre, Monte de São Francisco e Talha de Baixo. Em relação a este último, não deixa de ser interessante notar que as recolhas de ânforas em prospecção parecem confirmar os dados das intervenções arqueológicas na necrópole e habitat: um arco muito curto de presença no local, mas com uma clara inserção nas correntes de troca comerciais. Note-se que a Dressel 2-4 é a única forma anfórica encontrada neste sítio, com dois exemplares.

A forma genericamente considerada como sendo antecessora da Almagro 51c, a Dressel 14, apresenta já alguma expressão quantitativa. Embora bem documentada em São Pedro, apenas foi encontrada em contexto estratigráfico preciso na UE18, unidade que parece apresentar grande antiguidade mas pertencente a uma zona aberta de circulação, onde os revolvimentos provocaram severas limitações à leitura sequencial.

Residualmente detecta-se a presença dos fabricos béticos, que por certo transportariam azeites da mesma origem, e que apesar da existência local de produtos idênticos, se infiltrariam nos pontos de consumo. Não deixa de ser interessante notar que esta presença é extremamente reduzida, embora diversificada quanto aos contentores de transporte, o que nos leva a supor uma aquisição pontual, num quadro de consumo de um produto exótico na região. Todavia,

³⁰ Seria interessante definir áreas de proveniência para estes contentores, mas sem dispormos de análises petrográficas, não nos parece correcto adiantar meras suposições com base em observações empíricas. Esperemos que em breve esta situação possa ser ultrapassada.

parece ser constante ao longo da diacronia, mantendo-se o gosto por práticas de consumo faustoso e requintado³¹.

Finalmente, relevo para a presença de um fragmento de Dressel 28, ânfora de presença relativamente rara no nosso país. A sua presença na Horta da Torre é mais um dado que aponta para a grande precocidade de presença romana no sítio. Também a inclusão das formas Dressel 24 em Monte de São Francisco e Horta da Torre são relevantes.

Do ponto de vista da interpretação estratigráfica, não deixa de ser interessante notar o hábito de reempregar fragmentos anfóricos no aparelho de construção de estruturas, embora tal só se verifique nos muros das fases mais tardias, e nunca nos da primeira, que de resto possuem uma estrutura completamente diferente, com uma técnica construtiva homogénea que apenas recorre à pedra local e argamassa na alvenaria das estruturas. Neste campo, os fragmentos de Almagro 51c das UE13 e UE59 podem ajudam-nos a definir um momento de reorganização do espaço em meados ou finais da terceira centúria com a incorporação de elementos nos aparelhos de construção nos muros da segunda fase. Da mesma forma, regista-se a tendência para o achado de fragmentos anfóricos nos espaços livres e desocupados, seja em cima de pavimentos, seja nos seus alicerces, e raras vezes no interior de compartimentos. Tal deve ser lido no contexto de rejeição pós-uso das ânforas, com os exemplares vazios sendo arrumados no exterior das habitações ou, após a inutilização dos contentores, sendo atirados para os espaços livres. No caso da escavação de São Pedro, regista-se o escasso número (em termos comparativos) de fragmentos identificados até ao momento, o que necessariamente deve ser lido no contexto funcional das estruturas até agora escavadas.

A presença de ânforas no concelho de Fronteira não foge, portanto, aos quadros que se começam a esboçar para os centros de consumo em meio rural no Alentejo. Estamos perante um cenário onde as produções vínicas e oleícolas exógenas circulam de forma mais restrita e por certo restritas ao consumo por uma elite que culturalmente apresenta hábitos urbanos e suntuários. De forma indirecta conseguimos assim detectar o forte peso da produção local destes produtos. Reflecte ainda a grande dependência das produções da Lusitânia e os hábitos de consumo centrados nos preparados piscícolas, em quadro de sólido crescimento e dinâmica de circulação que se intensifica a partir de meados do século III.

Bibliografia

- Alarcão, Jorge de (1976) Les amphores. In: Alarcão, J. e Étienne, R. (eds) *Fouilles de Contimbriga. VI. Céramiques diverses et verres*. Paris, Diff. E. de Boccard, pp. 71-77.
- Almeida, Maria José de e Carvalho, António (1998) – Ânforas da *villa* romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): resultados de 1990-1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, vol. 1, nº 2, pp. 137-163.
- Almeida, Maria José de e Carvalho, António (1999-2000) A *villa* romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): uma década de trabalhos arqueológicos (1991-2001). *A Cidade*, Nova Série, nº 13-14, Portalegre, pp. 13-37.
- Almeida, Maria José de e Carvalho, António (2004) Vias e circulação de produtos no SW do *Conventus Emeritensis*: o exemplo da Quinta das Longas. Gorges, J.-G., Cerrillo, E. e Nogales Basarrate, T. (eds.), V Mesa redonda internacional sobre Lusitania romana: Las comunicaciones. Madrid, Ministerio de Cultura, pp. 369-390.
- Beltrán Lloris, Miguel (1990) *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza, Pórtico Librerías.

³¹ Não esquecendo também os transportes institucionais, embora para períodos mais antigos: “[...] as principais zonas onde se documenta a presença destas ânforas na Lusitania são justamente aquelas para as quais existem igualmente provas arqueológicas da produção local de azeite.” (Fabião, 1993-1994: 239). Acrescento em nota de rodapé (literalmente): torna-se cada vez mais necessária a cartografia dos *torcularia* da Lusitânia, quer na cuidada descrição em eventuais escavações, quer pela simples notícia de mós, pesos de lagar (sobretudo) ou derivados de produção. Isto porque, na sequência dos nossos trabalhos de campo, ou em meras visitas a outros sítios arqueológicos, vamos constatando que a concentração de (por exemplo) mós em cada sítio desta área regional é verdadeiramente impressionante (frequentes são os sítios em que se contam dezenas), e tal deve ser analisado na perspectiva de uma produção para exportação, em níveis, diríamos, quase industriais, e que deverá ser considerada nas dinâmicas económicas da metade ocidental do Império.

- Arruda, Ana Margarida e Fabião, Carlos (1990) Ânforas da Quinta do Lago (Loulé). In Alarcão, J. e Mayet, F. (eds) *As ânforas lusitanas: tipologia, produção e comércio*. Conímbriga/Paris, Museu Monográfico de Conímbriga/Diff. E. du Boccard, pp. 199-214.
- Calderón Fraile, N. (2002), Sobre ânforas romanas halladas en Mérida. Memorias 6, *Excavaciones arqueológicas de Mérida 2000*, Mérida, pp. 361-370.
- Cardoso, Guilherme (1986) Fornos de ânforas romanas na bacia do rio Sado: Pinheiro, Abul e Bugio. *Conímbriga* XXV, pp. 153-173.
- Carneiro, André (1999-2000), A villa romana da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira). *A Cidade*, Nova Série, nº 13-14, Portalegre, pp. 77-93.
- Carneiro, André (2002a) – *Povoamento romano no actual concelho de Fronteira*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 3 volumes [policopiado].
- Carneiro, André (2002b), “O fim do Império e a cristianização no território da *civitas ammaiensis*: mudança e continuidade no concelho de Fronteira”, *Ibn Maruan*, Marvão, pp. 135-157
- Carneiro, André (2004), *Povoamento romano no concelho de Fronteira*. Câmara Municipal de Fronteira/Câmara Municipal de Cascais/Edições Colibri.
- Carneiro, André (2005), *Carta Arqueológica do Concelho de Fronteira*. Fronteira/Lisboa, Câmara Municipal de Fronteira/Edições Colibri.
- Carneiro, André (*no prelo*), Espólio da necrópole romana dos Pocilgais (Fronteira): Uma leitura integrada. *O Arqueólogo Português*
- Carneiro, André e Sepúlveda, Eurico (2004), “Terra sigillata hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, nº 2, IPA, Lisboa, pp. 435-458
- Chaves, Luís (1934), “Mosaicos lusitano-romanos em Portugal” *Revista de Arqueologia*, vol. III, nº 3, Lisboa, pp. 21-23, 56-60 e 83-87
- Étienne, Robert e Mayet, Françoise (1993-1994) La place de Lusitanie dans le commerce méditerranéen. *Conímbriga* vol. 32-33, pp. 201-218.
- Fabião, Carlos (1989) Sobre as ânforas do acampamento da Lomba do Canho (Arganil). Lisboa, UNIARQ – INIC.
- Fabião, Carlos (1993-1994) O azeite da *Baetica* na Lusitânia. *Conímbriga*, Coimbra, vol. 32-33, pp. 219-246.
- Fabião, Carlos (1996a) Sobre a tipologia das ânforas da Lusitânia. In Filipe, G. e Raposo, J. (eds) *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa, Câmara Municipal do Seixal/Publicações Dom Quixote, pp. 371-390.
- Fabião, Carlos (1997) Duas notas sobre ânforas lusitanas. *al-madam* nº 6, IIª série, p 59-68.
- Fabião, Carlos (1998) O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia* volume 1, número 1, Lisboa, pp. 169-198.
- Keay, Simon (1984) *Late roman amphorae in the western mediterranean. A typology and economic study: the catalan evidence*. BAR International Series 196, Oxford.
- Lloris, Miguel Beltrán (1970) *Las ânforas romanas en España*. Zaragoza (Monografias Arqueológicas 8).
- Lloris, Miguel Beltrán (1990) *Guia de la cerâmica romana*. Zaragoza, Pórtico Librerías.
- Mayet, Françoise; Schmitt, Ann (1997) Les amphores de São Cucufate (Beja). In Étienne, R., Mayet, F. (eds), *Itinéraires lusitaniennes*. Paris, Diff. E. du Boccard.
- Mayet, Françoise; Schmitt, Ann; Silva, C. T. da (1996) *Les amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris, Diff. E. du Boccard.
- Morais, Rui (1998) *As ânforas da zona das Carvalheiras*. Braga, Universidade do Minho.
- Paço, Afonso; Lemos, João de (1962) Reconhecimentos arqueológicos de emergência nas herdades da Comenda da Igreja e Comendinha (Montemor-o-Novo). In *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências: Secção VII. História e Arqueologia*. Porto, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, pp. 317-333
- Peacock, D. P. S; Williams, D. F. (1986) *Amphorae and the roman economy. An introductory guide*. London, Longman.
- Vallverdú, J. A. Remolá (2000) *Las ânforas tardo-antiguas en Tarraco (Hispania Tarraconensis). Siglos IV-VII d.C.* Barcelona, Generalitat de Catalunya.
- Vasconcelos, José Leite de (1898) Olaria luso-romana de S. Bartolomeu de Castro Marim. *O Archeologo Português*, Lisboa, vol. IV, pp. 329-336.
- Vasconcelos, José Leite de (1927-1929), “Antiguidades do Alentejo (II – Antas da Herdade Grande), *O Archeologo Português*, vol. XXVIII, pp. 158-186.

Catálogo*

No catálogo são referidos os seguintes dados: ordenação numérica das peças; número de inventário; número da peça na respectiva estampa dos fragmentos desenhados; tipo e descrição do fragmento; dimensões e descrição da pasta.

A organização das peças em catálogo é feita segundo a classificação tipológica a que pertencem.

Visto que muitos dos materiais se agrupavam num mesmo tipo de ânfora, apresentando características morfotipológicas idênticas, não se achou necessário registar todos os fragmentos em desenho, seleccionando-se apenas aqueles necessários para representar a amostra de fragmentos anfóricos aqui em estudo.

*Na descrição da pasta referem-se os códigos de cores de Munsell Soil Color Charts.

Nº	Nº Inventário	Tipo	Forma	Morfologia	Dimensões	Cor pasta	Elementos não plásticos
1	MSF/01 RS/1[173] ¹	Fragmento de bordo	Dressel 2-4 (?)	Lábio de secção arredondada e saliente	Altura máx. 3,9 cm; largura máx. 13,5 cm	2.5YR7/6, rosa	Pequenos; quartzos, limonites e micas
2	TBX(1)/01 RS/1[27]	Fragmento de bojo e asa	Dressel 2-4	Bojo com duas caneluras interiores e arranque de asa bífida	Altura 5,4 cm; largura 11,7 cm. Asa: largura 4,3 cm espessura 1,9 cm	2.5YR7/8 laranja	Bem depurada, poucos e.n.p. pequenos; micas, hematites e limonites
3	TBX(1)/01RS/1[28]:	Fragmento de asa	Dressel 2-4	Asa bífida	Largura 3,7 cm; espessura 2 cm	2.5YR7/8 laranja	Bem depurada, com e.n.p. como micas e hematites
4	HDT/02 RS/1[116]	Fragmento de asa	Dressel 2-4	Asa bífida	Largura 4,7 cm; espessura 2,4 cm	7.5YR8/3 bege	Textura compacta e porosa, abundantes e.n.p., média dimensão; hematites, limonites, calcites, quartzo leitoso e micas
5	SPD2/01UE1[314]	Fragmento de bordo	Dressel 14 / Beltrán IV	Lábio espessado de secção arredondada	Altura máx. 4,5 cm; largura máx. 16,4 cm	2.5YR6/8 laranja	Textura folheada, frequentes, pequenos, como calcário, quartzo defumado e leitoso, moscovite.
6	HDT/02RS/1[114] ²	Fragmento de boca e arranque superior de asa	Dressel 14/ Beltrán IV	Lábio espessado, de secção triangular, e na asa uma canelura longitudinal exterior digitada	Altura máx. 6,8 cm; largura máx. 20 cm	7.5YR7/4 rosa	Textura compacta, porosa, frequentes, de pequena/média dimensão; quartzo leitoso e defumado, calcário, hematites, micas
7	SPD/01RS/1[10]	Fragmento de asa	Dressel 14 / Beltrán IV	Asa de secção subrectangular, com canelura longitudinal exterior	Dimensões: largura 5,3cm; espessura 2,8cm	10R4/2 castanho-escuro	Textura folheada, abundantes, de grande dimensão; calcário, quartzo defumado e hialino, hematite.
8	SPD2/01UE18[94]	Fragmento de asa	Dressel 14/ Beltrán IV	Asa de secção ovóide, com canelura longitudinal exterior digitada	Largura 4,8 cm; espessura 2,3 cm	5YR5/3 castanha	Textura folheada e algo porosa, com vacuólos; abundantes de grande dimensão; calcites, calcário, hematites, quartzo leitoso, micas
9	MSF/01RS/1[167]	Fragmento de asa	Dressel 14/ Beltrán IV	Asa de secção ovóide, com canelura longitudinal exterior digitada	Largura 5 cm; espessura 2 cm	2.5YR6/4 castanha	Textura folheada e porosa, abundantes de pequena/média dimensão; calcário, quartzo defumado, hematite e micas
10	MSF/01RS/1[168]	Fragmento de asa	Dressel 14/ Beltrán IV	Asa de secção ovóide, com canelura longitudinal exterior digitada	Largura 5,2 cm; espessura 2,6 cm	5YR7/8 laranja-claro	Textura folheada e porosa, abundantes de média/grande dimensão; calcário, quartzo leitoso e defumado, limonite, micas

¹ Como anteriormente assinalámos, poderá tratar-se de um fabrico proveniente da Gália. A situação não se encontra completamente esclarecida.

² Fragmento muito relevante, podendo tratar-se de um resultado de uma produção híbrida entre as Dressel 14 e as Dressel 20.

11	MSF/01RS/1[169]	Fragmento de asa	Dressel 14/ Beltrán IV	Asa de secção ovóide, com canelura longitudinal exterior digitada	Largura 6,3 cm; espessura 2,5 cm	5YR5/4 castanha	Textura compacta, abundantes, de grande dimensão; calcário, quartzo leitoso e defumado, micas
12	HDT/02RS/1[22]	Fragmento de asa	Dressel 14/ Beltrán IV	Asa de secção subrectangular, com canelura longitudinal exterior	Largura 5,5 cm; espessura 2 cm	5YR6/3 cinza-castanha	Textura folheada, porosa, abundantes, pequena/média dimensão, quartzo hialino e defumado, calcário, limonite, hematite.
13	SPD1/00 RS/1[13]	Fragmento de fundo	Dressel 14/ Beltrán IV	Fundo troncocónico e preenchido	Altura 3,9 cm; diâmetro 5 cm	5YR6/3 castanha	Textura compacta, abundantes, média/pequena dimensão; quartzo hialino e calcites
14	SPD2/01 UE1[313]	Fragmento de fundo	Dressel 14/ Beltrán IV	Fundo troncocónico e preenchido	Altura 2,8 cm; diâmetro 5,4 cm	5YR7/4 castanho claro	Textura compacta, abundantes, dimensão média, micas, calcites, limonites
15	SPD2/01 UE1[318]	Fragmento de fundo	Dressel 14/ Beltrán IV	Fundo troncocónico e oco	Altura 5,8 cm; diâmetro 6 cm	7.5YR4/1 cinzenta	Textura compacta, homogénea, escassos, pequenos, micas
16	HDT/02RS/1[21]	Fragmento de bordo	Keay XIII A/ Dressel 23	Lábio espessado de secção arredondada e saliente	Altura máx. 5 cm; largura máx. 12,3 cm	2.5YR7/8 laranja	Textura compacta, homogénea, pequenos/médios, quartzo defumado e leitoso, limonites, calcário
17	SPD3/02UE53[1]	Fragmento de bordo	Keay XIII A/ Dressel 23	Lábio triangular, boleado e saliente	Altura máx. 5,5 cm; largura máx. 15 cm	Núcleo rosa 2.5YR6/8 e cinzento 5YR6/6	Textura compacta e porosa, abundantes, médios/pequenos; moscovite, quartzo leitoso e defumado, calcário e limonites
18	HDT/02RS/1[135]	Fragmento de bordo	Dressel 24	Lábio perolado e saliente	Altura máx. 3,4 cm; largura máx. 14,4 cm	2.5YR6/8 laranja	Textura compacta e porosa, abundantes, médios, calcites e moscovites
19	MSF/01RS/1[193] ³	Fragmento de bordo	Dressel 24?	Lábio espessado e arredondado	Altura máx. 4 cm; largura máx. 13,8 cm	Núcleo bege 5Y7/1 e cinzento 7.5YR7/4	Textura compacta e homogénea, em que são pouco abundantes os e.n.p. de dimensão pequena como moscovite e quartzo defumado
20	MSF/01RS/1[194] ⁴	Fragmento de bordo	Dressel 24?	Lábio espessado e boleado	Altura •ax. 3,2 cm; largura •ax. 11,6 cm	2.5YR7/8 rosa	Textura compacta e homogénea com pouca frequência de e.n.p. de média dimensão constituídos por moscovite, calcário e quartzo leitoso
21	HDT/02RS/1[133] ⁵	Fragmento de bordo e arranque superior de asa	Dressel 28	Lábio de fita saliente asa de secção sub-rectangular com canelura longitudinal em ambas as superfícies	Dimensões: altura •ax. 5,5 cm; largura •ax. 12 cm, largura da asa 4,6 cm; espessura 2 cm	7.5YR7/2 cinzenta	Textura compacta e algo porosa, abundantes, dimensão média constituídos por calcites e micas

³ Um dos casos mais complexos, em que mais opiniões divergiram, podendo tratar-se de um fabrico lusitano mais tardio ou de uma forma híbrida.

⁴ Ou Dressel 14?

⁵ Outro caso muito interessante, que conviria apurar do ponto de vista da proveniência, tratando-se de uma Dressel 28 com sulco central nas asas, indicando uma transição para os fabricos Almagro 51c. Por este motivo, existe a possibilidade de ser um fabrico da área Tejo/Sado.

22	HDT/02RS/1[23]	Fragmento de bordo e arranque superior de asa	Almagro 50 (?)	Lábio introvertido e adossado, com asa de secção ovóide que arranca do lábio	Altura •ax. 4,2 cm; largura •ax. 10,6 cm; largura da asa 3,3 cm; espessura 1,7cm	5YR6/8 laranja	Textura folheada e porosa, pequenos e médios; quartzo hialino e defumado, calcário e micas
23	BSP/99RS/1[3]	Fragmento de asa	Almagro 50 (?)	Asa de secção semicircular	Largura 3,8 cm; espessura 2,5 cm	2.5YR6/8 laranja	Textura compacta e porosa, com alguns e.n.p. de pequena dimensão, constituídos por quartzo leitoso, calcites, micas
24	HDT/02RS/1[117]	Fragmento de asa	Almagro 50	Asa de secção ovóide	Largura 3 cm; espessura 2,7 cm	7.5YR7/6 bege	Textura compacta e homogénea, médios; quartzo defumado, limonite e micas
25	HDT/02RS/1[118]	Fragmento de asa	Almagro 50	Asa curva de secção circular	Largura 3,5 cm; espessura 2,3 cm	2.5YR6/8 laranja	Textura folheada e porosa, e.n.p. pequenos, como quartzo leitoso, calcário e micas
26	HDT/02RS/1[119]	Fragmento de asa	Almagro 50	Asa de secção circular, semelhante à peça anterior	Largura 3,6 cm; espessura 2,6 cm	2.5YR5/1 cinzenta	Textura compacta e homogénea, escassos e pequenos, calcites e micas
27	HDT/02RS/1[120]	Fragmento de asa	Almagro 50	Asa de secção circular, como as anteriores	Largura 3,6 cm; espessura 2,5 cm	7.5YR7/1 cinzenta	Textura compacta, homogénea, pequenos, calcites, limonites e micas.
28	MSF/01 RS/1[174]	Fragmento de asa	Almagro 50	Asa de secção circular	Largura 4 cm; espessura 2,8 cm	10R6/8, laranja avermelhado	Textura folheada e porosa, médios, calcário, quartzo hialino e micas
29	MSF/01 RS/1[176]	Fragmento de asa	Almagro 50	Asa de secção circular	Largura 2,9 cm; espessura 2,1 cm	2.5YR7/8, laranja	Textura folheada e algo porosa, pequenos, calcário, limonite, hematite e micas
30	HDT/02 RS/1[24]	Fragmento de boca	Almagro 51c	Lábio de secção arredondada e saliente, com vestígios de arranque de asa	Altura máx. 3,7 cm; largura máx. 14,8 cm	10R5/8, laranja acastanhado	Textura compacta e homogénea, abundantes, médios e grandes, calcário, quartzo leitoso e micas
31	HDT/02 RS/1[115]:	Fragmento de boca e arranque superior de asa	Almagro 51c	Lábio de secção triangular e saliente, arranque de asa de secção ovóide, duas caneluras longitudinais exteriores	Altura máx. 3,8 cm; largura máx. 11cm	2.5YR6/8, laranja	Textura folheada e porosa, abundantes, pequenos e médios, quartzo leitoso e defumado, calcário e micas
32	HDT/02 RS/1[124]	Fragmento de boca e arranque superior de asa	Almagro 51c	Lábio espessado, secção arredondada, arranque de asa de secção ovóide	Altura máx. 4,5 cm; largura máx. 11cm	2.5YR6/8, laranja acastanhado	Textura folheada, médios, como micas, limonite e calcário
33	HDT/02 RS/1[125]	Fragmento de boca e arranque superior de asa	Almagro 51c	Lábio de secção triangular e saliente, com arranque de asa de secção ovóide	Altura máx. 4,5 cm; largura máx. 12 cm	2.5YR7/8, laranja	Textura folheada e porosa, abundantes e grandes, quartzo leitoso e hialino, calcário, limonite
34	HDT/02 RS/1[127]	Fragmento de boca e arranque superior de asa	Almagro 51c	Lábio de secção arredondada e arranque de asa de secção ovóide	Altura máx. 5,2 cm; largura máx. 13,2 cm	2.5YR7/2, cinzenta clara	Textura compacta e algo porosa, abundantes, médios, calcário, quartzo leitoso e defumado
35	HDT/02 RS/1[131]	Fragmento de boca	Almagro 51c	Lábio de secção triangular	Altura máx. 2,8 cm; largura máx. 14cm	10R6/8, laranja	textura compacta e porosa, abundantes, calcário, quartzo defumado, micas

36	HDT/02 RS/1[132]	Fragmento de boca	Almagro 51c	Lábio de secção rectilínea (?) e muito saliente	Altura máx. 4 cm; largura máx. 11,4 cm	2.5YR6/6, laranja avermelhado	Textura compacta, algo porosa, abundantes, médios, quartzitos e micas.
37	HDT/02 RS/1[136] ⁶	Fragmento de boca	Almagro 51c?	Lábio extrovertido de secção semicircular	Altura máx. 4,9 cm; largura máx. 10,9 cm	2.5YR7/8, laranja	Textura compacta, abundantes, pequenos, quartzo leitoso e micas
38	MSF/00 RS/1[17]	Fragmento de boca	Almagro 51c	Lábio de secção triangular e saliente	Altura máx. 3 cm; largura máx. 12 cm	7.5YR7/4, bege	Textura compacta e homogénea, médios, limonite, hematite e micas.
39	MSF/01 RS/1[135]	Fragmento de boca	Almagro 51c	Lábio ligeiramente espessado, de secção arredondada, canelura exterior	Altura máx. 3 cm; largura máx. 9,3 cm	2.5YR7/8, laranja	Textura compacta e algo porosa, pequenos, hematites, limonites, quartzo hialino e micas.
40	MSF/01 RS/1[166]	Fragmento de boca e arranque superior de asa	Almagro 51c	Lábio de secção triangular e saliente, com arranque de asa de secção ovóide	Altura máx. 3,3 cm; largura máx. 10,2 cm	10R6/8, laranja	Textura compacta e porosa, presença de alguns e.n.p. como calcário e micas
41	MSF/01 RS/1[171]	Fragmento de boca e arranque superior de asa	Almagro 51c	Lábio de secção arredondada e saliente, com arranque de asa	Altura máx. 4 cm; largura máx. 10,2 cm	7.5YR6/1, cinzenta	Textura compacta e homogénea, pequenos, quartzo leitoso e defumado, calcário e micas
42	MSF/01 RS/1[182]	Fragmento de boca	Almagro 51c	Lábio de fita, saliente	Altura máx. 3,4 cm; largura máx. 11,4 cm	2.5YR7/8, laranja	Textura folheada e porosa, abundantes, médios/grandes, hematites, limonites, quartzo leitoso e defumado, micas
43	SPD3/02 EU 59[1]	Fragmento de boca e arranque superior de asa	Almagro 51c	Lábio extrovertido, espessado e perolado	Altura máx. 5,2 cm; largura máx. 10,5 cm	5YR6/8, avermelhada	Textura compacta e homogénea algo porosa, abundantes, médios, quartzo leitoso, micas, limonites
44	SPD2/ 01 EU 22[18]	Fragmento de boca	Almagro 51c	Lábio em forma de amêndoa	Altura máx. 3 cm; largura máx. 10,8 cm	2.5YR7/8, laranja	Textura compacta e homogénea, abundantes, pequenos, quartzo hialino e defumado, limonites
45	SPD3/02 EU 58[2]	Fragmento de boca	Almagro 51c	Lábio de secção triangular inclinado para o exterior	Altura máx. 3 cm; largura máx. 11,5 cm	7.5YR7/6, bege	Textura compacta e homogénea, pequenos, moscovite, calcário, quartzo defumado e limonites
46	SPD3/02 EU 1[311]	Fragmento de boca	Almagro 51c	Lábio perolado e saliente	Altura máx. 2,3 cm; largura máx. 11,6 cm	2.5YR7/8, laranja	Textura compacta e porosa, abundantes, médios/grandes, quartzo leitoso e hialino, micas, hematites e limonites
47	SPD1/00 EU 2[2]:	Fragmento de boca e arranque superior de asa	Almagro 51c	Lábio de secção triangular e saliente, com arranque de asa de secção ovóide, com canelura longitudinal exterior	Altura máx. 4,4 cm; largura máx. 10 cm; largura da asa 4,5 cm; espessura 1,6 cm	2.5YR6/8, laranja	Textura folheada e algo porosa, frequentes, pequenos, micas, calcário, quartzo leitoso e defumado

⁶ Poderá tratar-se de um fabrico imitando o protótipo anfórico.

48	SPD3/02 EU 1[399]	Fragmento de boca	Almagro 51c	Lábio de secção triangular e saliente, notando-se o arranque de asa	Altura máx. 3,4 cm; largura máx. 12,6 cm	7.5YR7/4, bege	Textura compacta e algo porosa, abundantes, médios, quartzo leitoso e defumado, calcário, limonite e micas
49	SST/01 RS/1[32]	Fragmento de boca	Almagro 51c	Lábio de secção triangular e saliente, com vestígios do arranque de asa	Altura máx. 4,4 cm; largura máx. 12 cm	7.5YR7/2, bege acinzentado	Textura compacta e homogénea, pequenos dimensão, limonites, quartzo defumado, calcário e micas
50	SST/01 RS/1[34]	Fragmento de asa	Almagro 51c (?),	Asa de secção ovóide	largura 4,5 cm; espessura 1,8 cm	7.5YR7/1 núcleo cinzento 2.5YR7/8, laranja	Textura compacta e porosa, abundantes médios e grandes, calcário, quartzo defumado e leitoso, hematite, limonite e micas
51	MSF/00 RS/1[15]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa ovóide, duas caneluras longitudinais exteriores	Largura 4,6 cm; espessura 1,5 cm	5YR7/1, cinzenta	Textura compacta e homogénea, abundantes, limonites, hematites micas
52	MSF/01 RS/1[180]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide, com canelura longitudinal exterior	Largura 4,4 cm; espessura 1,6 cm	2.5YR7/8 laranja	Textura folheada, abundantes, pequenos e médios, quartzo leitoso e defumado, calcário, micas
53	MSF/01 RS/1[164]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide	Largura 4,3 cm; espessura 1,7 cm	2.5YR7/8 laranja	Textura folheada, abundantes, pequenos, micas, quartzo defumado, limonites
54	MSF/01 RS/1[175]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide	Largura 4,4 cm; espessura 1,4 cm	2.5YR7/8 laranja	Textura folheada, escassos, pequenos, limonites, micas e quartzo defumado
55	MSF/01 RS/1[177]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide	Largura 4,6 cm; espessura 1,6 cm	2.5YR6/8 laranja acastanhada	Textura folheada, abundantes, pequenos, calcário, limonites, quartzo leitoso e defumado, micas
56	MSF/00 RS/1 [191]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide, duas caneluras longitudinais	Largura 5,2 cm; espessura 2,1 cm	10R6/8 laranja avermelhada	Textura folheada e porosa, abundantes, limonites, quartzo leitoso e micas
57	MSF/01 RS/1 [192]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide, com duas caneluras longitudinais	Largura 5 cm; espessura 2,3 cm	5YR5/4 castanha	Textura folheada, abundantes, médios e grandes, quartzo defumado, calcário, hematites e micas
58	SPD2/01 UE 13[1]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide	Largura 4 cm; espessura 2,1 cm	2.5YR6/8 laranja	Textura folheada e porosa, abundantes, grandes/médios, quartzo defumado, limonites, hematites e calcites
59	SPD2/01 UE 18[96]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide, com duas caneluras longitudinais	Largura 4,2 cm; espessura 1,8 cm	5YR6/8 laranja	Textura folheada, abundantes, médios, micas, calcites e limonites
60	SPD2/01 UE 1[316]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide, com canelura exterior digitada	Largura 4,6 cm; espessura 2,2 cm	2.5YR5/6 castanha	Textura folheada e porosa, frequentes, grandes, calcites, quartzo leitoso e hialino, hematites
61	SPD3/02 UE 58[1]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide	Largura 3,9 cm; espessura 1,7 cm	5YR6/8 laranja	Textura folheada e porosa, escassos, quartzo leitoso, calcites e micas

62	SPD2/01 UE40 [6]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide	Largura 4,7 cm; espessura 1,6 cm	2.5YR7/8 laranja	Textura compacta, abundantes, grandes, limonite, calcário, quartzo leitoso, defumado e hialino, micas
63	SPD2/01 UE40[7]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide	Largura 4,1 cm; espessura 1,7 cm	7.5YR7/1 cinzento claro	Textura compacta, abundantes, pequenos, quartzo leitoso e defumado, calcário, limonite e micas
64	SPD2/01 UE35[3]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide	Largura 4,5 cm; espessura 1,8 cm	2.5YR7/8 laranja	Textura folheada, abundantes, pequenos, quartzo defumado, calcário, limonite e micas
65	SPD2/01 UE1[317]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide, com canelura longitudinal	Largura 4,6 cm; espessura 1,4 cm	2.5YR6/8 laranja	Textura folheada, abundantes, pequenos, quartzo leitoso e defumado, hematites e micas
66	SPD1/00 UE1[29]	Fragmento de asa	Almagro 51c (?);	Asa de secção ovóide, com canelura longitudinal exterior	Largura 4,1 cm; espessura 1,5 cm	10R5/8 laranja acastanhada	Textura folheada, abundantes, médios, quartzo leitoso e micas
67	SPD2/01 UE1[309]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide, com canelura longitudinal exterior	Largura 5 cm; espessura 1,7 cm	2.5YR7/6 rosa	Textura compacta e homogénea, frequentes, pequenos, limonites, quartzo leitoso e defumado, micas
68	SPD2/01 UE40[8]	Fragmento de asa	Almagro 51c	Asa de secção ovóide	Largura 4,1 cm; espessura 1,6 cm	2.5YR6/8 laranja	Textura compacta e homogénea, abundantes, pequenos, calcites, micas, quartzo leitoso e defumado, hematites
69	SPD2/01 UE17[15]	Fragmento de bojo e fundo	Almagro 51c	Fundo troncocónico, preenchido, de base plana	Altura máx. 18,7 cm; largura máx. 19 cm	7.5YR8/4 rosa	Textura compacta e homogénea, abundantes, médios, biotites, quartzo e limonites
70	SPD2/01 UE1[310]	Fragmento de bico fundeiro	Almagro 51c	Fundo cilíndrico e oco	Altura 5,2 cm; diâmetro 4,2 cm	7.5YR7/4 bege	Textura compacta e homogénea, abundantes, médios, quartzo leitoso e defumado, calcites, hematites, e micas
71	HDT/85 RS/1[14]'''	Fragmento de bico fundeiro	Almagro 51c	Fundo cilíndrico e oco com ônfalo central	Altura 7,8 cm; diâmetro 9,7 cm	7.5YR7/2 bege	Textura compacta e porosa, escassos, pequenos, calcites, quartzo defumado, limonite e micas
72	MSF/01 RS/1[178]	Fragmento de bico fundeiro	Almagro 51c	Fundo cilíndrico, preenchido e de base plana	Altura máx. 1,9 cm; largura máx. 5,1 cm	5YR7/6 laranja	Textura compacta, escassos, pequenos, calcites e micas
73	HDT/02 RS/1[134]'	Fragmento de boca	Forma indeterminada	Lábio de secção triangular, muito saliente	Altura máx. 4,3 cm, largura máx. 17,1 cm	5YR5/4 castanha	Textura homogénea e algo porosa, pouco frequentes, pequenos, calcites e moscovites

*** Peça já publicada por André Carneiro no artigo “A *villa* romana da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira)”, *A cidade – Revista Cultural de Portalegre*, Portalegre, nº 13-14. Edições Colibri/C. M. de Portalegre, pp. 77-93

⁷ Não é possível determinar se estamos perante uma Almagro 50 ou 51c. O mesmo se verifica para os fragmentos seguintes.

74	SPD2/01 RS/1[12]	Fragmento de boca	Forma indeterminada.	Lábio de fita e saliente	Altura máx. 4,5 cm; largura máx. 16,9 cm	5YR6/6 laranja acastanhada	Textura folheada e porosa, escassos, pequenos, quartzo leitoso, calcário, calcites e micas
75	SPD3/02 UE 1 [308]	Fragmento de boca	Forma indeterminada.	Lábio espessado e perolado	Altura máx. 2,3 cm; largura máx. 13,9 cm	2.5YR7/6 rosa	Textura compacta e algo porosa, escassos, pequenos, micas, calcites e quartzo defumado
76	HDT/02 RS/1[121]	Fragmento de asa	Forma indeterminada.	Asa de secção ovóide, com canelura longitudinal exterior	Largura 4,4 cm; espessura 1,7 cm	2.5YR7/8 cinzenta	Textura folheada, frequentes, pequenos/médios, calcário, quartzo leitoso, limonite e micas
77	HDT/02 RS/1 [123]	Fragmento de asa	Forma indeterminada.	Asa de secção ovóide, duas caneluras longitudinais	Largura 4,8 cm; espessura 1,7 cm	2.5YR 6/8 laranja	Textura folheada, escassos, pequenos, calcário, quartzo hialino, limonite
78	MSF/01 RS/1 [179] ⁸	Fragmento de bico fundeiro	Forma indeterminada.	Fundo cilíndrico, preenchido de base plana	Altura máx. 2,4 cm; largura máx. 4 cm	5YR6/6 laranja acastanhada	Textura compacta, escassos, médios, calcites e micas

⁸ Provavelmente trata-se de uma Dressel 14.

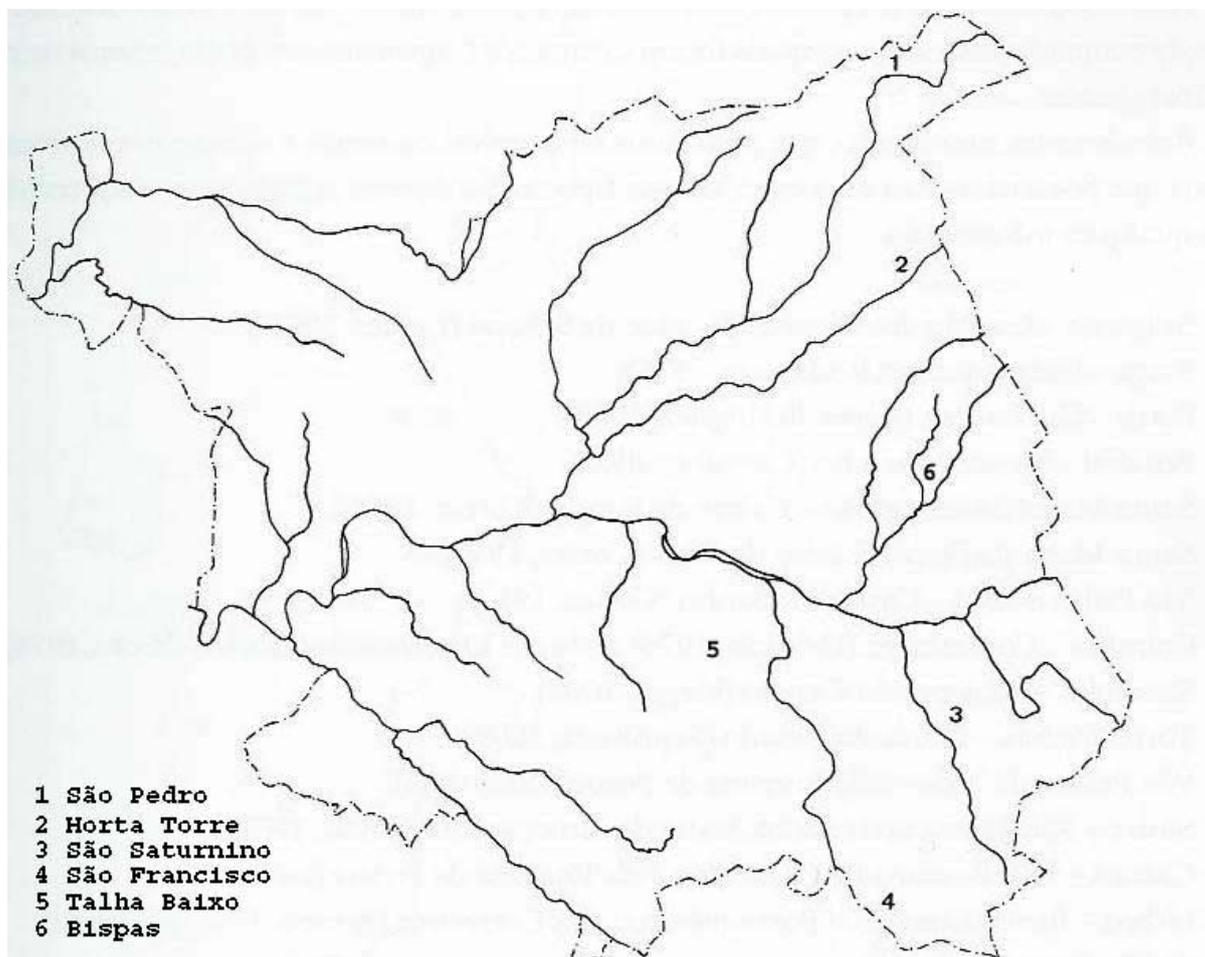


Figura 1 – Localização dos sítios mencionados no texto no concelho de Fronteira

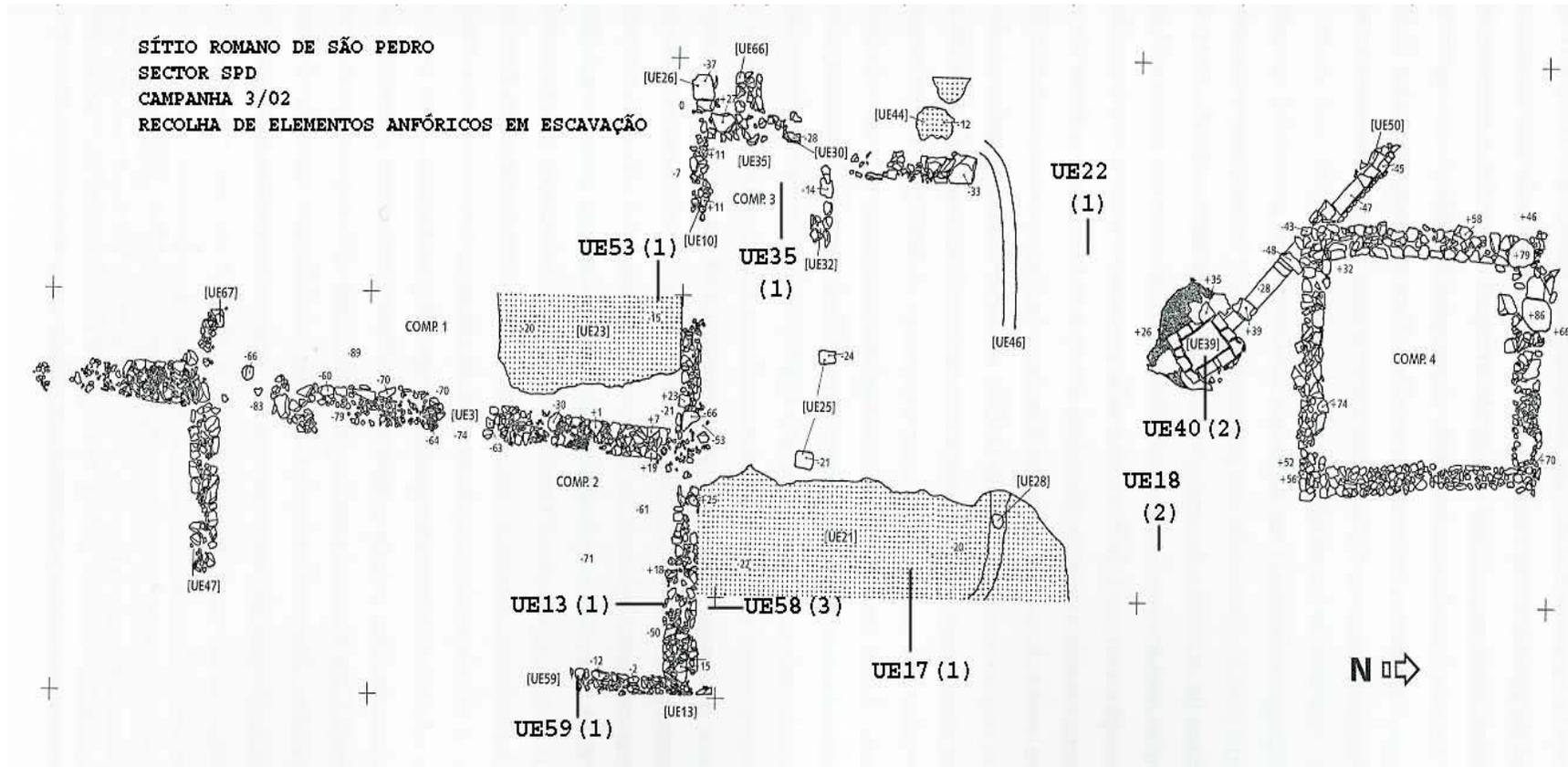


Figura 2: Monte de São Pedro: unidades estratigráficas onde foram recolhidos fragmentos de ânforas.

